

NORDESTE:

O reverso da medalha

A miséria do Nordeste não brotou do chão, nem caiu das nuvens. Da terra seca, onde raras plantas conseguem vingar, nascem com facilidade o arbítrio, a opressão e o engano. Como no resto do Brasil. Depois de tantos anos de discussão, o assunto ainda não se esgotou. Aonde leva essa conversa sem fim?

Marília Fontana Garcia*

Rezar, inscrever-se numa frente de trabalho, mendigar, juntar-se a um grupo que cerca a prefeitura, conformar-se, saquear, apelar para o fatalismo, migrar: estas são as alternativas colocadas por uma criteriosa arte de sobreviver que ao longo do tempo foi se incorporando à tradição e ao cotidiano do povo do Nordeste.

Nos períodos de seca, essa arte de driblar a fome e a miséria tem que ser exercida com maestria. A morte por inanição não é mais um fantasma que ronda, mas uma realidade que se instala. Segundo previsão da CNBB, até o final de 1984 três milhões de flagelados da seca morrerão de fome.

Esta seca, que já dura cinco anos e atinge uma população de 24 milhões de pessoas, não é diferente daquela relatada por Fernão Cardim — o primeiro “repórter” da seca — em 1587, quando “cinco mil índios se socorreram com os brancos”; nem das outras 72 estiagens que vieram depois. Nesses quatro séculos pouca coisa mudou. Embora essas estiagens sejam cíclicas — já há vários estudos provando isso — os governos são invariavelmente “apanhados de surpresa”

* Marília Fontana Garcia
é socióloga e
pesquisadora do CEDEC.

As estiagens no Nordeste brasileiro são cíclicas. Então, por que os governos são sempre apanhados de surpresa pela seca?

pela seca.

Em 1979, o Centro Tecnológico Aeroespacial de São José dos Campos (SP) enviou ao Ministério do Interior, à SUDENE e aos governadores dos estados do Nordeste, dois estudos que previam um longo período de secas para os anos seguintes. Ninguém se preocupou em tomar providências adequadas. Nem mesmo o fato de o Nordeste ser, atualmente, a única região do Brasil em que a força do PDS é incontestável chegou a pesar nas ações do governo.

A seca veio e ficou. E, na hora em que a ocorrência de alguns saques mais violentos mostrou a possibilidade próxima de uma convulsão social de maiores proporções, mais uma vez criaram-se às pressas frentes de trabalho e alguns políticos discursaram prometendo grandes e definitivas obras.

Sempre foi assim

Quanto a essa atitude, nenhuma novidade. Tão cíclicas quanto as secas foram as “ondas” de preocupação com o Nordeste por parte dos governos. Toda vez que a calamidade da seca

torna a tensão social insustentável, alguém “descobre” que o Nordeste faz parte do Brasil e que as forças nacionais devem ser mobilizadas.

Essa mobilização nacional, pregada no calor dos discursos e esquecida logo depois pela grande maioria, quase sempre se limitou a três tipos de medidas: eventuais campanhas de assistência (precária) aos flagelados, criação de frentes de emergência para a construção de açudes (que acabam secando) e abertura de estradas nem sempre necessárias.

Mesmo quando foram tentadas medidas de maior porte como a criação da SUDENE, que através da industrialização ia levar o desenvolvimento ao Nordeste, ou a construção da Transamazônica, que pretendia facilitar a mobilidade dos migrantes nordestinos para a ocupação da Amazônia, poucos resultados se fizeram sentir. Sabemos porque.

Hoje, como sempre a seca continua sendo combatida com campanhas de assistência e abertura de frentes de trabalho inútil.

A “novela” do Nordeste

Não é por falta de discussão que não se conseguem concretizar medidas que facilitem o desenvolvimento integrado do Nordeste. São incontá-

Afinal de contas,
o que é essa tão
falada *questão regional*?

veis os encontros que já se promoveram tendo o Nordeste como tema central. Os produtos dessas discussões foram materializados em toneladas de papel entre relatórios e publicações. A discussão dos problemas do Nordeste mais parece uma novela onde, ao fim de cada capítulo, fica adiado o destino dos personagens principais.

Mas, afinal, o Nordeste existe como uma entidade autônoma? Fala-se de “região”, “questão regional”, “Polígono das Secas”, como se o simples fato de traçar no mapa a área que costuma ser mais atingida pela seca já fosse um encaminhamento para a solução dos problemas da terra e dos homens que vivem nela. Não é bem assim.

Uma ideologia do regionalismo

Falar em “região” ou qualquer outra dessas expressões não chega nem mesmo a explicar os problemas do Nordeste, que dirá resolvê-los. Por que então insistir nessa linguagem?

É que dizer que o caso dos nordestinos é um problema regional — relacionado com o clima — é uma maneira fácil de esconder as verdadeiras origens da marginalização do Nordeste no Brasil: as divisões sociais, as contradições econô-

micas e políticas.

Na verdade, o Nordeste não existe concretamente como um território e uma cultura *à parte do Brasil*, mas foi marginalizado a partir do momento histórico em que os interesses econômicos se voltaram para outras áreas do país. Nesse momento, a solução dos problemas dos homens do Nordeste deixou de interessar essencialmente àqueles que podem lucrar, porque o valor desses homens como força de trabalho já não contava tanto. Foi quando o Nordeste começou a ser tratado como região problemática, tema de discursos, congressos e livros.

Algumas pessoas que vivem no Nordeste e se dedicam a estudá-lo com critério e sentimento, começam a perceber as verdadeiras razões de tanto falatório e papelada. Um deles é o sociólogo Roberto Martins, que é professor na Universidade Federal de Pernambuco, no Recife, e para quem o que existe efetivamente é uma *ideologia do regionalismo nordestino*. Ideologia é uma representação da realidade a partir do ponto de vista particular do sujeito que a formula mas que pretende passar por um ponto de vista universal.

E é esse tipo de ponto de vista que vemos nos discursos dos políticos e nas falas dos estudiosos. Eles consideram que o Nordeste é uma *região*, uma coisa acabada, limitada, com certas características e problemas já previamente listados. E os itens dessa lista, que são aspectos *particulares* do Nordeste — sua situação geográfica, suas relações sociais, sua cultura —, são apresentados como categorias universalizantes. É essa a ilusão reconstruída pela ideologia a partir de uma realidade.

A ideologia engana porque, quando toma essa realidade como uma coisa acabada, universal, dificulta a discussão de aspectos particulares e de mudanças que poderiam conduzir a soluções.

A ideologia regionalista é manipulada politicamente, é usada para esconder a verdadeira face da miséria tomando o resultado de um processo como se fosse seu começo. Analisa a calamidade que o Nordeste atravessa nos períodos de seca como se fosse um produto exclusivo do clima e das reações dos homens naquele momento e não um produto das relações dos homens através da história. ★

Os discursos dos políticos e dos estudiosos constroem uma ilusão que é usada para dissimular a realidade.